

Luzes e Silêncios do Documento de Puebla

Puebla Document Lights and Silences

Fernando Altemeyer Junior*

Recebido: 18/08/19

Aprovado: 20/08/19

Resumo:

O artigo estuda o documento de Puebla em suas riquezas e silêncios. Procura entender a III Conferencia metida no conflito entre duas correntes teológicas: a da libertação e a da conservação colonial. O silêncio que clama aos céus é a ausência do reconhecimento dos 88 mártires assassinados pelas ditaduras militares de 1968 até 1979. Ainda que Puebla confirme a opção pelos pobres, o fará sempre adjetivando com advérbios e manipulações redacionais a riqueza que fora aprovada pelos 222 participantes sinodais. Esse paradoxo entre o vivido, o dito e o finalmente escrito é possível rever na batalha heroica de bispos profetas como Aloísio Lorscheider, Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, Luciano Mendes, Leonidas Proaño, Luis Bambaren e, sobretudo na vida santa de Oscar Arnulfo Romero. Ao reler a história 40 anos depois conclui-se que evangelizar é papel coletivo do Povo de Deus, e não privilégio da hierarquia católica. Ao assumir os crucificados e proclamar a Ressurreição a Igreja adquire um rosto próprio e fundamental. Ao reconhecer o indígena, o negro, a mulher ela manifesta a riqueza multifacetada do Espírito de Jesus. Essa é a riqueza de Puebla.

Palavras-chave: Documento de Puebla, riquezas, silêncios e evangelização.

Abstract

The article studies Puebla's document in its riches and silences. It seeks to understand the III Conference in the conflict between two theological currents: liberation and colonial conservation. The silence that calls to the heavens is the absence of recognition of the 88 martyrs murdered by the military dictatorships from 1968 until 1979. Although Puebla confirms the option for the poor, it will always do so through adjectives, adverbs and editorial manipulations of the wealth approved by the 222 synodal participants. This paradox between the lived, the spoken and the finally written can be seen in the heroic battle of prophet bishops such as Aloísio Lorscheider, Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, Luciano Mendes, Leonidas Proaño, Luis Bambaren and, above all, in the holy life of Oscar Arnulfo Romero. Rereading the story 40 years later it concludes that evangelizing is the collective role of the People of God, not the privilege of the Catholic hierarchy. In assum-

* Fernando Altemeyer Junior é mestre em teologia, doutor em ciências sociais e professor na PUC-SP.

ing the crucified and proclaiming the Resurrection, the Church acquires a fundamental and proper face. In recognizing the indigenous, the black, and the women, It manifests the multifaceted richness of the Spirit of Jesus. That is the richness of Puebla.

Keywords: Puebla document, lights, silences, evangelization.

Evangelizar é o verbo central de toda ação eclesial. Anunciar o Reino de Deus na história real e provisória dos povos com rostos, alegrias e esperanças. Anunciar, denunciar e viver um estilo de vida de seguidores do Ressuscitado. Tarefa árdua de encarnação e alegria face às injustiças e opressões. É mais que um livro, um código ou um preceito moral. É mais que dogma, rubrica litúrgica ou visão sacramental. É uma coerência de vida e valores. A ação da Igreja é seguir a pessoa de Jesus e ser companheira das utopias dos empobrecidos. Encarnar-se nas culturas e ser voz de esperança em tempos de sofrimento e resignação. Assim foi em 1965 quando da realização do Concílio Vaticano II. Assim foi em Medellín, na Colômbia quando em 1968 se celebrou a II Conferência do Episcopado da America Latina e Caribe. Assim queríamos que tivesse sido em Puebla em 1979, no México quando da III Conferência Geral do Episcopado. O clamor dos pobres, marcado por duas ferozes ditaduras implantadas a ferro e fogo no Brasil (1964) e Chile (1973), é acrescido pela violência imperialista americana em El Salvador e Nicarágua durante as décadas de 1970 e 1980. Soa paradoxal que o evento eclesial transcorra em Puebla de los Angeles (Povoado dos Anjos), México enquanto a América Latina sofria a imposição de ditaduras em quase todos os países, com tortura e a vitória da iniquidade e da morte de camponeses, indígenas e líderes políticos que ousassem enfrentar a doutrina de Segurança Nacional. Enquanto os povos clamavam por justiça e paz, por liberdade e democracia, cresce a violência institucionalizada pelos aparelhos do Estado e a exploração sistêmica do capitalismo triunfante. A injustiça era organizada e legal. O amor e a caridade tornam-se raridades e subterrâneos. Os mártires davam suas vidas por motivações políticas e ideológicas. Os cristãos, e particularmente os prelados católicos eram subservientes às elites no regime da cristandade mantendo caladas as massas empobrecidas. As vozes proféticas eram raras. A cumplicidade reinava soberana. Alguns profetas como dom Helder Câmara, o cardeal Dom Paulo Arns e dom Oscar Romero eram vozes dissonantes frente às imposições do CELAM e do Vaticano. O modelo eclesial nascido em 1968 no evento de Medellín estava sendo contestado duramente pela hierarquia católica que fazia outra aliança com a classe dominante e se afastava dos pobres. A década que separa Medellín e

Puebla foi marcada pela entrega cruenta de 88 mártires cristãos entre freis, religiosas, leigos e padres assassinados no continente. Citamos alguns, com a data de quando foram mortos: Antônio Henrique Pereira Neto (sacerdote diocesano, 26/05/1969); Néstor Paz Zamora (leigo e seminarista, 08/10/1970); Gil Tablada (leigo 18/11/1970); Maurice Lefebvre (sacerdote missionário Oblato de Maria Imaculada, 21/08/1971); Gerardo Poblete Fernández (sacerdote salesiano, 21/10/1973); Alexandre Vannucchi Leme (leigo estudante, 17/03/1973); Juan Alcina Hurtós (sacerdote diocesano, missionário da Catalunha, 19/09/1973); Antonio Llidó Mengual (sacerdote diocesano, missionário de Valencia, 25/10/1973); Omar Venturelli Leonelli (ex-sacerdote, 04/10/1973); Arturo Hillerns (leigo médico, 15/09/1973); Pe. Miguel Woodward Yriberri (sacerdote diocesano, chileno-britânico, 18/09/1973); Etienne Marie Luis Pesle de Menil (missionário francês, ex-sacerdote, 19/09/1973); Tito de Alencar Lima (frade da Ordem dos Pregadores, 12/08/1974); Carlos Prats e Sofia Cuthbert (casal de leigos, 30/09/1974); José Patrício León (leigo animador da JEC e militante político, 04/01/1975); Raymond Hermann (sacerdote diocesano, missionário norte-americano, 20/10/1975); Rodolfo Lunkenbein e Simão Bororo (padre salesiano e indígena da tribo Bororó, 15/07/1976); João Bosco Penido Burnier (sacerdote Jesuíta, 12/10/1976); Aurelio Rueda (sacerdote diocesano, 12/07/1976); Germán Cortés (leigo, ex-seminarista dos missionários da Sagrada Família, 18/01/1978); Roberto Antonio Orellana (leigo catequista, 20/01/1979); Jorge Alberto Gomez (leigo, catequista, 20/01/1979); David Alberto Caballero (leigo catequista, 20/01/1979); Angel Morales (leigo catequista, 20/01/1979); Octavio Ortiz Luna (sacerdote diocesano, 20/01/1979) e Andrés Jarlan Pourcel (sacerdote missionário francês, 04/09/1984). Nomes que deveriam estar em monumento de granito em todas as Igrejas do continente, mas que não são recordados em nenhum documento até tempos recentes. Amnésia e invisibilidade do martírio nega a identidade da fé cristã.

Puebla: eclesiologias em conflito

Com o triunfo do capitalismo transnacional enriquecendo as elites coloniais, foi preciso o uso de forças militares para submeter as nações e das alianças com os líderes religiosos para domesticar as mentes. Assim os golpes se sucederam e as ditaduras foram longas. No Chile de 1973 a 1990; no Paraguai, de 1954 a 1989, no Brasil de 1964 a 1985,

na Bolívia de 1971 a 1978, no Equador de 1972 a 1979, no Uruguai de 1973 a 1985 e na Argentina de 1976 a 1983.

Os bispos católicos estiveram reunidos no Seminário Palafoxiano na cidade de Puebla de los Angeles, México, entre 27/01/1979 e 13/02/1979. Tinham como tema central: A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Havia bispos de vários matizes: alguns poucos convertidos ao espírito conciliar e uma grande maioria escolhida por seus pares e pelo papa João Paulo mais tendendo a manter as alianças seculares com as classes ricas e com o pensamento conservador. Foram vinte e um cardeais, duzentos e um bispos, três monsenhores, oitenta e cinco presbíteros, quatro diáconos permanentes, dois irmãos religiosos, dezesseis irmãs consagradas, seis não católicos, trinta e oito leigos homens e vinte e cinco leigas mulheres. O grupo conservador era liderado por Alfonso Lopez Trujillo acolitado por Jerome Hamer, Luciano Cabral Duarte e Sebastiano Baggio. O grupo que acreditava na proposta de Povo de Deus era representado por uma plêiade de eminentes pastores: Helder Pessoa Câmara, Adriano Hipólito, Candido Padim, Marcus McGrath, Aloísio Lorscheider, Moacyr Grecchi, Paulo Evaristo Arns, Oscar Romero, Enrique Alvear, Luciano Mendes de Almeida, Raul Silva Enriquez e Luís Bambaren entre os vinte e dois bispos presentes.

O Brasil teve importante participação na emergência das vozes proféticas, em particular pelo vigor da ação e palavra de dom Aloísio Lorscheider. Do total de quarenta e cinco representantes do Brasil hoje estão vivos dez deles presentes em Puebla de los Angeles. São esses os bispos: Alano Maria Pena, OP, prelado de Marabá-PA, atual arcebispo emérito de Niterói - RJ, Brasil; Antônio Afonso de Miranda, SDN, administrador apostólico de Campanha - MG, atual bispo emérito de Taubaté, SP; Bonifácio Piccinini, SDB, arcebispo coadjutor de Cuiabá - MT, atual arcebispo emérito; Gilberto Pereira Lopes, arcebispo coadjutor de Campinas - SP, atual arcebispo emérito; Jayme Henrique Chemello, bispo de Pelotas - RS, atual bispo emérito; José Freire Falcão, arcebispo de Teresina - PI, atual cardeal arcebispo emérito de Brasília - DF; Karl Josef Romer, bispo auxiliar do Rio de Janeiro - RJ, atual secretário emérito do Conselho Pontifício para a Família, do Vaticano; Orlando Octacilio Dotti, OFM Cap., bispo de Barra do Rio Grande - BA, atual bispo emérito de Vacaria - RS; Pedro Antônio Marchetti Fedalto, arcebispo de Curitiba - PR, atual arcebispo emérito; Serafim Fernandes de Araújo, bispo auxiliar de Belo Horizonte - MG, atual cardeal arcebispo emérito.

O texto de Puebla expressará em suas quatro versões autênticas a tensão permanente da realidade, do projeto integrista e conservador e os clamores dos empobrecidos pelos regimes de força. Será graças à lucidez e firmeza do então bispo auxiliar de São Paulo, dom Luciano Mendes de Almeida que teremos um texto em que emergem algumas passagens altamente proféticas em um texto global marcado pela rigidez doutrinária e certa pobreza teológica, em decorrência do controle curial.

A lucidez do bispo jesuíta irá articular a opção evangelizadora em torno da comunhão e participação ao lado dos empobrecidos. O texto final foi alterado estruturalmente pela Cúria Romana em uma quinta versão onde vemos a ideologia da cristandade destituir todos os avanços pastorais que os bispos haviam incluído formalmente no documento. Redatores desconhecidos desfiguraram o documento que foi totalmente reformatado dos 1069 números para os atuais 1310 parágrafos. Assim, o texto, votado por 187 prelados e assessorados por 214 peritos, clérigos e leigos (totalizando 401 pessoas) da Assembleia continental, mesmo tendo sido excluídos todos os teólogos progressistas do continente, foi preciso que redatores de dicastérios romanos e da cúpula do CELAM controlassem sua versão final. Isso foi demonstrado pelo estudo de padre João Batista Libânio, nas páginas introdutórias da versão brasileira publicada pelas Edições Loyola, bem como pelo informe do reitor do Instituto de Pastoral do CELAM, frei Boaventura Kloppenburg, publicada no Boletim Medellín (vol. 5, março a junho de 1979).

O documento original publicado por dom Aloisio Lorscheider chegou ao Brasil (o documento *verdinho*) sem as alterações da Cúria, com tiragem de um milhão de exemplares, penetrando fundo nas comunidades periféricas do Brasil. O povo recebeu os rostos de Puebla nas palavras e no Espírito de Jesus. Foi um dos poucos documentos episcopais *mastigados* pelo povo brasileiro para seu caminho de esperança. Dom Romero, escreve em seu diário privado na noite de 08 de fevereiro de 1979 durante o evento de Puebla:

Foi para mim um grande consolo quando pude (aos teólogos reunidos na Rua Washington 14) informar-lhes a solidão que sente o pastor quando quer ser fiel às orientações dadas pelo Evangelho, pelo Vaticano II, Medellín (ROMERO, 2000, p. 107).

As igrejas e as comunidades se alimentaram do documento de Puebla, viveram a esperança, na oferta dos mártires, um deles sendo o próprio arcebispo salvadorenho dom Oscar Romero, hoje santo canonizado, participante ocular do encontro, precisam refazer a

opção pelos novos pobres que o sistema produziu. A batalha contra os velhos ídolos da morte continua firme e vigorosa. O nome disso por ser *segurança nacional, nacionalismo ou luta contra os inimigos da pátria*.

Alterações no texto original.

Algumas alterações curiais mostram com clareza que modelo os funcionários eclesiásticos tinham em mente. E qual eram os textos originais dos pastores da América Latina que foram supressos. Alguns exemplos: o número 57 que será 96 na quinta redação final no Vaticano propunha *ministérios laicais* e foi reformatado para *ministérios confiados aos leigos*, em clara redução da função eclesial dos leigos pensados como colaboradores e não protagonistas por seu batismo. O número 51 é refeito como número 92. Dizia o texto original: *Se pode dizer que, diante do perigo de um sistema de pecado, se esquece de denunciar e combater a realidade implantada por outro sistema de pecado*. Era claro a condenação quer do comunismo bem como do capitalismo ocidental. Assim no texto curial se trocou sistema de pecado por sistema claramente marcado pelo pecado, isentando o capitalismo de sua raiz intrinsecamente materialista e idolátrica. O anátema que condenava aos dois sistemas como antievangélicos é agora suavizado com parcialidade ideológica explícita em favor do sistema capitalista. O número 586 agora reescrito como 743. Lemos no original: *aceitam como própria a cruz do Senhor carregada sobre eles e sobre os crucificados pela injustiça, pela carência...* Agora se adocica suprimindo o escândalo da cruz e dos crucificados, retificando para *aceitam como própria a cruz do Senhor, carregada sobre eles, e acompanham aos que sofrem pela injustiça, pela carência do profundo sentido da existência humana*. Ao negar que os crucificados sejam um povo concreto que atualiza misticamente a Jesus crucificado, retiram a cruz da história em favor de uma idealização sem nexos nem coerência com a experiência pascal. Há explícita dissociação entre Cristo e os crucificados. Sintomática é a vontade de tutelar a força profética de Medellín alterando o vigor do documento de 1968. Assim o número original 1020 é agora desidratado na redação do número 1259. Antes líamos: *violência institucionalizada*. Agora lemos como metáfora domesticada: *a que pode ser chamada de violência institucionalizada*. As adjetivações sempre empobrecendo o substantivo. Os advérbios sempre colocando nuances na verdade concreta do Evangelho.

Limitações e silêncios do documento.

As limitações e silêncios do documento são evidentes demonstrando os interesses dos grupos hegemônicos na América Latina e na Cúria Romana pretendendo controlar as opções e a memória históricas que haviam emergido nas comunidades populares e na reflexão da Teologia da Libertação. O documento pode ser aprovado por maioria, pois se proclamava triunfalmente como fruto de um episcopado forte e coeso para mostrar ao mundo uma Igreja de cristandade. Não se pode tocar na palavra Libertação e foi proscrita a reflexão teológica da Teologia da Libertação. A opção pelos pobres foi proclamada, mas assumida por minorias abraâmicas.

A predominância da visão europeia impediu uma participação decisiva de negros, mulheres e indígenas paralisando o que havia avançado em 1968 em Medellín. Não pequena e insuficiente autocrítica da Instituição Eclesial por medo da necessária conversão de estruturas. A auto referencialidade marcará a década dos anos 1970 e 1980 abrindo para os escândalos dos anos 1990 e 2000 especialmente no Chile, Colômbia e Brasil. Alguns temas são sublimados e não recebem a visão personalista e dialógica, como vemos nas questões da moral sexual, matrimonial, juventude, cultura e as urgentes novas formas ministeriais. O mais grave é que não se faz a denúncia da estrutura idolátrica que produz vítimas e mártires. Há silêncio cúmplice com os que matam os pobres e professam um cristianismo de fachada.

Momentos de beleza no documento original.

Mesmo que epidérmicos há momentos de rara beleza no documento original. Puebla refez a afirmação de Medellín com um salto qualitativo: *É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos. (Justiça, doc. Medellín)*. Puebla acrescenta: *O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso e, em alguns casos, ameaçador* (Puebla, n. 87-89).

Podemos afirmar passados 40 anos do evento sinodal que o verdadeiro protagonista continua sendo o Povo de Deus que caminha junto aos pobres e subalternos do continente

buscando ser companheiro de dores e *tocando a carne de Cristo* que sangra por suas veias abertas (cf. Eduardo Galeano). Novos sujeitos históricos continuam incomodando as Igrejas para que se tornem peregrinas nas ruas e praças. Uma nova teologia da compaixão e da esperança continua buscando seu lugar e seus protagonistas. Fazendo memória criativa de Medellín e Puebla sem petrificar os documentos nem contemplá-los como objetos de um museu eclesiástico.

A realidade que grita é assumir a Igreja como Povo de Deus. *Todos - hierarquia, leigos, religiosos - são servidores do Evangelho. Cada um segundo o seu papel e carisma próprios* (DP 170). *A Igreja evangeliza, em primeiro lugar, mediante o testemunho global de sua vida* (DP 171). *Cada comunidade eclesial da América Latina deveria esforçar-se por se constituir, para o continente, em exemplo de convivência, onde se consiga unir liberdade e solidariedade* (DP 172). *Através da ação dos cristãos, como acima descrevemos, a Igreja pode realizar sua missão de sacramento da salvação* (DP 179). Essa foi e é a força de Puebla. Esse é o Espírito de Jesus que faz o povo ser profeta como permanente alargador de horizontes.

Referências bibliográficas:

- ARNS, P. E. *Da Esperança à Utopia: Testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BETTO, Frei. *Diário de Puebla*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BETTO, Frei. *Puebla para o povo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CELAM, Documento final da II Conferência Geral do Episcopado em Medellín, Colômbia, in: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/documentos/documento-FwdDtt9v3ukKPDZq.pdf>, consultado em 10/08/2019.
- CODINA, V. Eclesiologia latino-americana da Libertação. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 42, n. 165 (1982) p. 61-81.
- KLOPPENBURG, B. *Genesis del Documento de Puebla*, in: Medellín, vol. 5, ns. 17-18 (1979).
- LIBÂNIO, J. B. Apresentação didática. In: CELAM. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Conclusões de Puebla: A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. São Paulo: Loyola. 1979. P. 55-80.

LIBÂNIO, J. B. *A volta à grande disciplina: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1983.

MARINS, J. *De Medellín a Puebla: a práxis dos Padres na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

NERY, I. J. Teólogos e pastoralistas: atores dentro ou fora das Conferências. In: BRIGHENTI, A. e PASSOS, J. D. (orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus / Paulinas, 2018.

ROMERO, O. A. *Su diario*, San Salvador: Arzobispado de San Salvador, CA, 2000.

SOBRINO, J. MARTIN-BARO, I. e CARDENAL, R. (orgs.). *La voz de los sin voz – La palabra viva de Monseñor Romero*. San Salvador, CA: UCA EDITORES, 1980.